



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**FABIANI DIAS DA SILVEIRA**

**(depoimento)**

**2016**

**GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF**

**ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias - História da disciplina de handebol da ESEFID

**Número da entrevista:** E-724

**Entrevistado:** Fabiani Dias da Silveira

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Porto Alegre – RS

**Entrevistadoras:** Jamile Mezzomo Klanovicz e Pâmela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 20/06/2016

**Transcrição:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Copidesque:** Pâmela Siqueira Joras

**Pesquisa:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 55 minutos e 34 segundos

**Páginas Digitadas:** 23

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulado História da disciplina de handebol da ESEFID sob orientação de Silvana Vilodre Goellner.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SILVEIRA, Fabiani Dias da Silveira. Entrevista concedida por Fabiani Dias da Silveira ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz e Pâmela Siqueira Joras. UNIVASF, UFRGS, Porto Alegre (RS), 20 jun. 2016, 26 p.

## **Sumário**

Formação e o início no esporte; Competições escolares; O handebol no Rio Grande do Sul; Clubes que trabalhou; A disciplina de handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; Importância do handebol no currículo universitário; O perfil dos alunos; Envolvimento na prática do handebol; A prática do handebol nas escolas; Visibilidade do handebol.

Porto Alegre, 20 de junho de 2016. Entrevista com Fabiani Dias da Silveira a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias.

J. K. – Gostaria que iniciasse me contato um pouco da tua formação e como o senhor iniciou no esporte?

F. S. – A minha formação... Eu sou da época que a gente entrava no primeiro ano com seis anos, então eu terminei com dezesseis, com dezessete anos eu prestei vestibular era muito novo e gostava de muitas coisas, aí eu passei em Agronomia na UFRGS<sup>1</sup>, que eu gostava e até hoje gosto disso, até hoje casualmente e paralelamente eu trabalho com isso também, e fiz Educação Física no IPA<sup>2</sup> à noite. Aí como eu era bem novo, eu comecei a gostar muito do curso de Educação Física, larguei Agronomia e até hoje eu não me formei. Trabalho até por questão de herança de família que a gente tem e tal, mas nunca mais voltei a Agronomia.

P. J. – Hoje tu moras aqui em Porto Alegre?

F. S. – Hoje eu moro em Novo Hamburgo, vou todos os dias, vou e volto. Mas eu nasci em Porto Alegre e trabalho em Porto Alegre. Então me formei cedo, com vinte e um anos, até devo ter me formado com vinte, mas como eu fazia Agronomia junto, eu parei um semestre [palavra inaudível] e depois eu não voltei mais. E essa foi a minha formação. Eu entrei no handebol por acaso, eu sempre gostei muito de esportes no geral, mas nunca fui muito bom em nada, sempre aquele esforçado, mas tive uma boa vivência com voleibol, mesmo tendo um metro e setenta centímetros, sendo baixo, sempre me dei bem e gostei. Cheguei a jogar na Sogipa<sup>3</sup>, mas a Sogipa era lá no centro de Porto Alegre, o pessoal mais novo acho que não sabe disso, e ela foi demolida e foi construída aqui onde é hoje. Mas nesse intervalo não tinha onde treinar, e aí nós treinávamos onde hoje é a antiga FUNDERGS<sup>4</sup> que agora também foi... Ali era o antigo CETE<sup>5</sup> e eu morava aqui na Zona

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Instituto Porto Alegre.

<sup>3</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre.

<sup>4</sup> Fundação do Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul.

Norte e ficava longe. Aí eu passei para o União<sup>6</sup>, eu jogava direitinho, fui admitido no União, aí fiquei mais um tempo lá e tal, mas é aquela coisa, estava estudando e eu comecei... Tinha mais vínculo com o pessoal da Sogipa naquela época, acabei... Também não tinha treino reserva no clube, eu comecei a ficar mais baixo perto do pessoal, mas sempre tive a vivência do voleibol, jogando na escola, aquela coisa toda, até o final do Ensino Médio antigo Segundo Grau. O handebol entrou por acaso, eu já era formado, e o colégio que eu trabalhava no final da década de 1980, no Colégio La Salle São João, naquela época era só São João, tinha um grupo muito forte de handebol masculino. E eu estava lá, e as meninas queriam que também tivesse um grupo de meninas, e aí o meu colega, o professor Pedro Paulo, que foi professor substituto também de handebol na ESEFID<sup>7</sup>, o professor Pedro Paulo<sup>8</sup> que pelo que eu sei das outras pessoas, foi um dos atletas mais talentosos do estado da época. O professor Pedro Paulo, ele me pilhou: “Por que tu não trabalha handebol?” E aí ele me pegou pelo lado da vaidade, de quem está começando: “Tu é um cara inteligente, tu é um cara esforçado, tu é um cara...” Aí eu me lembro que eu disse para o Pedro: “Pedro, eu não sei nada de handebol, só das aulas que tu me destes.” Ele foi meu professor no IPA, aí eu ele disse: “Eu te ajudo!” E eu comecei, acho que foi em 1989 ou 1990, mas sem nunca ter jogado handebol. E de lá para cá eu já cheguei a ser treinador da Seleção Gaúcha, acho que foi em 1998... Desculpa foi em 2008, “bah” vários títulos...

P. J. – Isso com a equipe masculina?

F. S. – Sim, com a equipe masculina, Campeonato Brasileiro Sub-14, “bah” muitos títulos com o handebol, até porque eu sempre trabalhei em duas instituições e acabei fazendo o quê? Trabalhando as equipes nas duas escolas, tanto que hoje eu tenho aqui e na outra escola, então acabei fazendo um bom trabalho. Sempre acabava as duas escolas indo para as finais ou ficando entre as quatro, então, ganhava medalha de terceiro em um, medalha de ouro na outra e quando os colegas ganhavam três, quatro campeonatos, eu ganhava seis porque era vice no feminino, mas campeão na outra escola, e no outro ficava em terceiro e

---

<sup>5</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo.

<sup>6</sup> Grêmio Náutico União.

<sup>7</sup> Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

<sup>8</sup> Pedro Paulo da Silva Guimarães.

terceiro... São muitos títulos por ano, porque eu trabalhava com duas escolas e aprendi bem a administrar essa questão. Eu sempre usei a seguinte história para a gurizada: “Tu que é pai, por exemplo, ou mãe, e tem dois filhos que competem, se der a casualidade dos dois filhos competirem um contra o outro, tu vai torcer para qual?” Eu torço para aquele que se der melhor, que se aplicar mais porque, para falar a verdade, é uma competição amadora. Então, tu não está ali para ter um salário alto, porque é um salário de professor, isso a gente tem a possibilidade e consegue fazer as duas equipes irem para as finais. Eu faço assim, fico em um banco sentadinho e eles agora joguem, agora vocês fazem a festa, se não consegue fazer o que a gente pede então um vai perder... Já tiveram finais muito legais, outras finais mais traumáticas, hoje que o time que perdia daqui a pouco: “Mas tu puxou mais para o outro!” Isso sem eu falar *nada* sem nem eu me manifestar, e ficava todo mundo me cuidando: “Será que o professor vai falar?” Eu não falo nada, não digo nada [riso]. E interessante que a gurizada, quando eu estou dando aula, sempre acham que eu fui um grande jogador e essa coisa toda. Aí quando eu digo que eu nunca peguei uma bola, eles ficam: “Mas como?” Eu quebrei esse paradigma, assim, até para dar aula. Por exemplo: eu não demonstro os exercícios, eu comento sobre o exercício, faço muito eles em câmera lenta: “Vai pegar a bola, o braço aqui, o passo, o goleiro saindo...” Eu não preciso ir lá e demonstrar como fazer uma defesa ou um arremesso, *não precisa*, e a gurizada aprende super na boa e acredito que isso aí tu consegue fazer em qualquer modalidade, até porque eu também já trabalhei com natação, trabalhei com vôlei também, com basquete, handebol, já trabalhei até com ginástica olímpica e não precisa fazer um pirueta para... Porque o pessoal, às vezes, acha que porque jogou tal esporte, se não tiver aquela vivência não vai ser um bom profissional. Bom, talvez para ser treinador da Seleção Brasileira, talvez para ter uma vivência maior, pode ser que tais requisitos ajudem, mas em nível escolar e mesmo de clube não... Eu vejo assim, que com a experiência que eu tenho, são vinte e oito anos de escola esse ano, vinte e oito anos na escola e o que a experiência me trouxe? Que o grande desafio é o manejo com a gurizada, o manejo com os grupos, isso é o grande desafio. Saber manejar, tiver grupos positivos, trabalhar aquele lado bom do pessoal, aí dá para fazer todo mundo ficar engajado e aí tu desenvolve qualquer modalidade, qualquer... Não precisa ter assistido vivência para... Então isso seria como eu entrei nessa história. Como eu não sabia nada de handebol também, eu fiz o curso de arbitragem bem no início, porque eu não conhecia as regras. Eu tinha sido árbitro de

voleibol por um ano. Foi bem no início e eu gostava muito, nunca me esqueço que a minha professora disse assim no Ensino Médio: “Para vocês entenderem bem do vôlei, serem bons atletas, o ideal é que todo mundo conheça bem as regras!” Nunca esqueço que eu fui na biblioteca e tinha um livrinho de regras, e aí eu sabia todas as regras de vôlei e, quando eu comecei a trabalhar com handebol, eu pensei a mesma coisa. Vou fazer um curso de arbitragem para poder entender bem a regra, porque eu não sabia nada das regras. Fiz o curso e tal, só que depois não deu para ficar apitando porque, em seguida tu já era treinador e apitar jogos das equipes que jogam contra ti ou do mesmo grupo separado, aí eu tive que abrir mão disso aí.

P. J. – E como é que aconteceu esse curso? Quem promoveu?

F. S. – Pois é hoje não tem mais, não existe mais, foi a Federação na época que promoveu aqui em Canoas na época, e olha foi mais um ou dois que foram promovidos naquela época para cá que foi na década de 1990. E *nunca mais*, são cursos esporádicos que não são bem... Para tu ver, eu fiquei dois anos na UFRGS, três semestres e fazendo a parceria com a Federação para que eles fizessem, porque eu até falei com o pessoal da ESEFID e eles se propuseram a ceder salas no final de semana, material, projetor, tudo e também não saiu curso, nada, nada. Tudo é muito bagunçado, muito desorganizado isso, não sei.

J. K. – E nas competições escolares como é a presença de público?

F. S. – Olha, para ser bem sincero tudo depende, mas a grande maioria é os atletas e o treinador na quadra, então, é realmente aquela questão que entra competir com o futebol querendo ter um patrocínio, querendo que aquela vá lá visualizar e tal. É uma pena! E o Rio Grande do Sul com essa temperatura ou é muito quente ou é muito frio, se está quente o ginásio fica um forno, e no inverno fica frio. É um vô, uma vó, um tio, um pai mais inflamado, sabe são poucos. Fizemos uma competição, um concentradão, agora em maio, a Copa Farroupilha de Handebol que, por sinal estava *bem* cheio, mas aí foi um concentradão, veio um pessoal de Pelotas com meninos e meninas de todas as categorias, então vinha um ônibus cheio, vinha mais o pai, e o ginásio sempre cheio, sempre cheio, porque foi aquele concentradão. Mas se é uma competição que tu junta três equipes de uma

rodada, ou só as finais... E culturalmente ainda acontece uma coisa extremamente negativa: o time que disputa o terceiro lugar ganha sua medalha e vai embora, não fica nem para prestigiar o pessoal que vai disputar a primeira. Ou por inveja, ou por isso ou por aquilo. Mas vai embora. Daí fica lá disputando as finais só as duas equipes e deu, é uma pena!

J. K. – Agora mais especificamente sobre a história do handebol no Rio Grande do Sul. A gente sabe que o handebol veio para o Brasil mais especificamente dentro das imigrações alemãs no estado de São Paulo. Tu acredita que aqui no Rio Grande do Sul, o handebol tenha iniciado dá mesma forma?

F. S. – Se eu acredito?

J. K. – Isso!

F. S. – O que eu sei do handebol do Rio Grande do Sul, é que ele entrou através do professor Camargo<sup>9</sup>, que trouxe como uma modalidade de exibição e começou a fomentar isso aí. E tem um amigo meu, que é o professor de handebol da PUC<sup>10</sup> que é o professor Scalon<sup>11</sup>, ele foi um dos primeiros treinadores também, e ele era de outra área, então, juntou naquela época pessoas habilidosas, um do vôlei, outro do basquete, um não sei o quê. E assim se montou as primeiras equipes, até essa história do handebol é bem recente aqui no estado, as pessoas estão vivas ainda: o professor Sérgio<sup>12</sup>, professor Giacomini<sup>13</sup> de Santa Maria, o professor Scalon, parece que foi o primeiro treinador, e foi assim que começou. Depois eu acredito que o pessoal foi se especializando, os próprios de Santa Maria onde era o pessoal do berço do handebol, não sei acho que foi na década de 1970 talvez, que eles tiveram aqueles ganhos de êxito, Santa Maria. Não que eu tenho um conhecimento grande de outros municípios, mas eu acho que hoje no estado Santa Maria é a cidade que tem maior número de quadras 40x20 que é a medida padrão do handebol. Porto Alegre não tem *uma* quadra 40x20, Caxias do Sul também tem algumas. Mas em Santa Maria qualquer colégio lá as quadras são 40x20. Que hoje o futsal também é 40x20,

---

<sup>9</sup> Francisco Camargo Netto.

<sup>10</sup> Pontifícia Universidade Católica.

<sup>11</sup> Roberto Mario Scalon.

<sup>12</sup> Sérgio Becker.

depois que ele mudou as regras, não sei quanto tempo faz que mudou, que ela se equiparou ao handebol, inclusive a área do goleiro. Eu, por exemplo, sou da época do futsal, que eu trabalhei com o futsal, trabalho ainda hoje com o futsal que a área era pequenininha e não valia gol de dentro da área, e ainda tinha um impedimento se o atleta recebesse a bola dentro da área de bolas paradas tipo lateral, falta, escanteio, estava impedido, era uma arezinha pequenininha e depois a área aumentou e ficou a mesma área do handebol seis metros. Não sei se é porque o futebol sempre foi mais desenvolvido que tem poucas quadras grandes, *hoje* como o futebol também é 40x20, só que hoje tem a questão imobiliária de tu conseguir uma quadra, uma área e tu conseguir montar uma quadra 40x20, mais aqueles espaços de recuo aquela coisa toda... Fiquei sabendo que o próprio ginásio municipal de Porto Alegre, o Tesourinha<sup>14</sup> até era para ter uma quadra maior, mas teve um erro de cálculo da engenharia e aí eu questionei isso e um senhor lá comentou “imagina fazer todos aqueles lances de arquibancada tudo de novo, recalculer ângulo por ângulo para que se aumentasse a quadra, negativo!”, ficou assim o projeto, e assim ficou. Aí a quadra do Tesourinha até era 40x20, quase em cima da arquibancada, aí com esses planos do PPCI<sup>15</sup> ter saído de prevenção de incêndio dos Bombeiros, eles tiveram que fazer uma readequação e agora ela está menor de novo. Porto Alegre não tem nenhuma quadra 40x20. Então essa história do handebol ela é muito recente ainda.

P. J. – Só retomando um pouco lá na questão da época que tu falou que atuou como treinador. Tu treinou equipes escolar?

F. S. – Sempre treinei equipes de escola.

P. J. – E tu treinou algum clube?

F. S. – E cheguei a trabalhar no Lindóia Tênis Clube que hoje não tem mais handebol, talvez tenha um handebol recreativo não estou sabendo mais, porque eu tive um bom desempenho com a minha equipe lá do São João e aí o professor dá época me convidou para trabalhar com ele, até levar as atletas e fazer um trabalho de parceria e esse trabalho

---

<sup>13</sup> Luiz Celso Giacomini.

<sup>14</sup> Ginásio Municipal Osmar Fortes Barcellos.

<sup>15</sup> Prevenção e Proteção Contra Incêndio.

foi durante um ano e meio aí depois eu já tomei outros rumos, fui trabalhar em outra escola aí aumentou a minha carga horária. E clube naquela época e até hoje eles pagam uma mixaria, inclusive porque até o sindicato do profissional que trabalha em clube é outro. Mas a escola privada, no caso é o Sinpro<sup>16</sup>, da escola pública é o CPERS<sup>17</sup> e dos clubes é o Sintae<sup>18</sup> uma coisa assim, então, lá o piso é *muito* baixo. Eu não sei quanto que está hoje, mas vamos dizer assim uns oito reais a hora aula. E por mais que tu faça um bom trabalho, tu acaba migrando para onde... Por exemplo, vou dar um exemplo bem meu, bem claro, hoje eu prefiro não jogar estadual, ou ficar em terceiro em um estadual em uma competição maior, mas eu estou ganhando um bom salário, do que com um clube de repente ser campeão que não te dá... Não te valorizam nada financeiramente, mas com um salário lá embaixo. Até como eu moro em Novo Hamburgo fazem doze anos, porque a minha esposa é de lá, então, eu faço essa imigração vou e volto todos os dias. Eu cheguei a ser convidado duas vezes para trabalhar na Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo que é um clube forte de lá, com uma tradição forte no handebol e as duas vezes que eu fui chamado, as duas vezes eu agradei e disse: “Olha eu moro a duas quadras do local, mas não tem como eu com família e tudo...” Lembro que a última vez, uns cinco anos atrás, o salário era de oitocentos reais para vinte horas uma coisa assim. Um absurdo, não existe, isso aí não tem... É muito legal para quem está começando, precisa desenvolver aquilo... Eu, no início da minha carreira eu ia, cansei de trabalhar de graça, sem ganhar nada, mas eu estava ali como um profissional que sabia, ajudando, aprendendo, eu praticamente estava pagando para fazer um curso, no caso pagando com o meu trabalho, sem ganhar nada. Mas depois não tem como fazer isso aí, abrir mão da carga horária de uma escola para ir trabalhar em um clube por amor, eu até gostaria.

P. J. – Tu competiu estadual?

F. S. – Estadual, Campeonato Brasileiro a gente foi pelo clube Lindóia mesmo, foi em São Gonçalo<sup>19</sup>. Etapas do brasileiro, por exemplo, classificatória para as finais, muitas que a

---

<sup>16</sup> Sindicato dos Professores do Ensino Privado.

<sup>17</sup> Centro dos Professores Primários do Estado do Rio Grande do Sul - Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul.

<sup>18</sup> Sindicato dos Trabalhadores em Administração Escolar do Rio Grande do Sul.

<sup>19</sup> Município do Rio de Janeiro.

gente não passou. O ano passado a equipe do Farroupilha<sup>20</sup> da sub-14 os meninos eles foram campeões de tudo, e tem uma competição que se chama CERGS<sup>21</sup> que é uma competição das escolas privadas e depois o campeão cruza com o campeão das escolas públicas e aí entra também as escolas federais, e representa o estado em cada modalidade nas Olimpíadas Escolares. No ano passado a gente foi representar o estado nas Olimpíadas Escolares que se chama Jogos da Juventude, foi em Fortaleza. E esse ano a gente está bem qualificado também para ir de novo, até a gente jogou sexta-feira na etapa regional, tem mais a etapa estadual, esse ano em João Pessoa, e o último aproveita melhor ainda, os três anos vai ser acho que o melhor. E o meu trabalho é bom? Não, depende, depende do grupo, o grupo que vai que está preparado para ano que vem é um grupo excelente, o grupo que ganhou o ano passado é um grupo que se superou, já estou com um grupo de meninas que vai disputar na sexta-feira  *muito* fraco. E eu sou o mesmo treinador, a estrutura é a mesma, então tudo depende também do grupo que tu tem, dos interesses, das amizades ali, uma amiga que vem, a outra que tem potencial e puxa a outra é assim, é assim que funciona.

P. J. – Tu comentou que chegou a treinar a Seleção Gaúcha...

F. S. – Isso! Foi uma experiência legal! Quando eu fui convidado eu peguei até para ver como é que seria, um sonho assim: “*Bah* vamos ver como é que seria”. Mas foi...

P. J. – Era a equipe adulta?

F. S. – Não, não, foi o Campeonato Brasileiro sub-14, só que a experiência não foi nada boa porque eles não te dão estrutura nenhuma. Eu tive que conseguir a escola onde eu trabalho para que eu fizesse uma seleção do estado, para falar a verdade eu não fiz seleção nenhuma, eu passei contato para os meus colegas e disse: “Olha só, indiquem lá a gurizada dessa faixa etária que joga bem...” Lembro que o primeiro treino tinha sessenta meninos, para que no terceiro treino tivesse trinta, para que há outra semana eu tivesse quatorze para viajar, foi um final de semana para viajar dois finais de semana depois. Aí no caso eu fui liberado para a escola para eu ir, mas aí foi descontado do meu salário, porque teria que colocar um outro professor no meu lugar. Entende? Aí tu não tem estrutura,

---

<sup>20</sup> Colégio Farroupilha.

financeiramente nenhuma, e até as outras vezes que eu fui cogitado e eu agradei, mas não tem condição. Depois daquilo acho que teve mais um campeonato só, depois não teve mais. Acho que a Federação, nem sei quando foi a última vez que mandou alguma delegação, a alegação é que não tem verba, não tem verba. Só que a Federação também não abre espaço, por exemplo, a minha escola é privada, de repente eu tenho um bom grupo lá, mas tem que mandar representante, mas a Federação não tem verba. Eu já conversei com eles sobre isso, abre para alguém, para algum interessado do estado que queira ir representar, com alguns pré-requisitos, por exemplo, tu não pode ir só com a tua escola, mas tu tem que agregar também atletas de outros clubes também, porque tu vai... Mas então, vai com a base da tua escola, a tua escola vai bancar isso aí, a escola que eu trabalho, por exemplo, como ela é bem colocada financeiramente, eu tenho certeza que não acharia ruim essa possibilidade de representar o estado com o nome da escola lá e tal, com os seus atletas, mesmo que tivesse no handebol quatorze, fosse dez da escola e quatro de fora ou oito da escola e seis de fora, não teria problema nenhum, os pais bancariam também isso, sem problema nenhum, mas nem essas possibilidades a Federação abre. Claro que eu não sei o que é que teria por trás, se tem alguma questão burocrática que não possa, ou que impeça, não sei, eles não mandam ninguém e nunca tem verba, e é assim que funciona. Mas o que é que eu vejo por trás disso? Quantas gerações de crianças e adolescentes se perdem com aquele sonho de ser atleta, talvez um atleta olímpico, e o que tem de talento que se perde por falta dessas oportunidades. Porque se eles vão nos jogos, eles aparecem, os treinadores estão vendo, agora mesmo nos Jogos da Juventude que vão passar lá Fortaleza, o treinador da seleção masculina estava lá, ele acompanhou todos os jogos, ele fotografou todas as equipes, cadastrou todo mundo, deu a devolutiva depois para cada equipe. A gurizada se sentiu extremamente valorizada e isso que estavam lá as equipes campeãs de cada estado, e as outras equipes que não foram, mas também tinham seus talentos ali, todas... A equipe que nós jogamos a final, nós ganhamos por um gol para ir para lá, quantos jogadores bons tinham ali que poderiam ser... Então, não existe projeto de esporte acho que em modalidade nenhuma, é tudo projeto... Até eu posso dizer, que uma das escolas que eu trabalho existe um projeto de esporte lá, independente de quem estiver lá, se eu sair outro vai tocar lá. Aqui o projeto é meu, o dia que eu sair daqui morreu o handebol, pode ser que entre outro professor que goste mais de ginástica e abra um grupo

---

<sup>21</sup> Campeonato Estudantil do Rio Grande do Sul.

de ginástica, esse é um projeto meu, individual, não existe um projeto da escola. Poucas escolas... Por isso que eu gostei quando eu fui para a outra escola lá, porque lá era um *projeto de escola*, e um projeto não de esporte para vencer, mas um projeto para o esporte ser uma ferramenta, porque tanto é que não existe essa coisa de se ganhou ou perdeu, para a escola não muda nada. Muda essa questão assim, um escola de classe “A”, “B”, e teoricamente os alunos de lá vão ser os sócios, futuros gestores e donos de empresas, para eles exatamente terem essas experiências do que é trabalhar em grupo, o que é trabalhar com tomada de decisão, o que é ganhar e perder, estar misturado com o povo em geral e não estar só naquele grupinho deles ali daquela faixa social... Adorei isso, eu nunca tinha visto isso, normalmente nas escolas, por exemplo, é para ter uma modalidade [palavra inaudível] sei lá, e nos clubes é só ganhar, ganhar. E até clube às vezes pode te arrebrantar, ninguém vai te cuidar, ninguém vai te dar assistência nenhuma, o negócio é a medalha que está lá e deu, o troféu, tão nem aí! Então não existem projetos, não existem.

J. K. – Saberia me dizer se o handebol aqui no Rio Grande do Sul, ele iniciou em escolas ou em clubes?

F. S. – Não sei! Eu acho que deve ter essa apresentação talvez, em clubes aí depois devem ter começado a trabalhar em escolas. Eu acredito que desses primeiros vários se tornaram professores de Educação Física, para a história se desenvolver, eu acho que foi assim, acho eu.

J. K. – Agora sobre a disciplina de handebol na ESEFID, saberia me dizer em que ano ela iniciou?

F. S. – “Bah” também não sei, mas deve ser... Não sei! O que eu sei é que na ESEFID o professor que teria que... Que estava apto para... Que era vamos dizer assim, o professor responsável pela cadeira, ele migrou lá dentro, no próprio curso ele evoluiu e tal. Passou para outra área, e desde lá só ficou entrando professor substituto que para o governo federal, é excelente, um professor substituto ele vai ganhar um salário base, então, o que acontece nas escolas públicas também? Um monte de contratações, porque tu é contratado com um piso básico lá embaixo, e por outro lado também entra professores com vontade,

com sangue novo e tal, e acho que ficou nisso aí. Parece que teve um novo concurso agora, mas não era nem para handebol, era tipo, modalidades coletivas.

J. K. – É para esportes no geral. E saberia me dizer por que a disciplina de handebol ela foi incluída no currículo universitário?

F. S. – Na época?

J. K. – Na época.

F. S. – Eu acho... Acho não, tenho certeza que foi porque na época se trabalha muito os esportes coletivos, até hoje se trabalha bastante nas escolas. E por quê se trabalha bastante? Porque imagina, as escolas, não importa se tem um período ou tem dois períodos, se tu tem uma bola, duas bolas, todos mundo trabalha em função daquela bola, tu consegue agregar em uma quadra, em um espaço, o vôlei, o handebol, o basquete, futebol, com poucos materiais. Trabalhar a natação, por exemplo, olha a dificuldade com o nosso clima então, ter uma piscina, cuidar, material, manutenção. Trabalhar a ginástica olímpica, equipamento adequado, colchões, ter um espaço só para aquilo, é muito difícil. Então qualquer quadrinha, seja na rua, seja onde for uma bolinha tu faz chover. Eu trabalhei muito tempo com voleibol, por exemplo, aqui no CECOB<sup>22</sup> aqui o Centro Comunitário, nós tínhamos uma bola de vôlei, porque a gente fez uma vaquinha, era com bolas de futebol de campo que tinham bastante do campo lá, e com bolas de basquete, então o nosso grupo tinha um saque poderoso, claro, sacava com bola de campo e com bola de basquete. Começava aquela sequencia pedagógica sacando perto da rede e indo para trás, indo para trás, dali a pouco estava dando porrada, um saque que ninguém segurava. O toque então era *perfeito*, toquezinho com a bola pesada quando pegava uma bola... Então, eu nunca me esqueço também que eu trabalhei muito tempo com vôlei, eu tinha uma equipe também que defendia muito, mas é que uma semana eles trabalhavam na rua e outra no ginásio, na semana que era da rua que chovia, não tinha treino? Não, tinha sim, a gente dava treino na arquibancada, quando um colega estava na quadra, o outro ia para a arquibancada. Daí a gente colocava as gurias lá em cima, dando porrada para baixo, e as lá de baixo

---

<sup>22</sup> Centro Comunitário do Bairro Ipiranga.

defendendo as bolas aqui, ou o toque na arquibancada, trabalhando essa questão de espaço tempo, e olha a gurizada tinha uma defesa e uma coordenação... Então acho que o handebol entrou nessa linha, porque essas modalidades coletivas são boas de trabalhar, até mesmo essa questão dessas relações interpessoais, ganhar ou perder, ganhar, trabalhar com o colega, passar a bola, receber, aquela coisa toda, então... Porque é difícil de trabalhar essas questões mais individuais, naquela época também deve ter entrado a ginástica calistênica, todo mundo repetindo os movimentos, mas ou era assim ou o esporte coletivo, é difícil, é complicado.

J. K. – E na época que tu ministrou a disciplina de handebol, havia mais homens ou mais mulheres?

F. S. – Acho que meio a meio, não notei que tinha diferença.

J. K. – E saberia me dizer quem foi o primeiro professor da disciplina?

F. S. – Olha, que eu saiba... Não, eu não sei, acho que foi o professor da Sociologia do Esporte, é meu amigo, às vezes eu tenho problema para dizer o nome... Tem cabelinho preto, o Stigger<sup>23</sup>. O Stigger era para ser o professor da cadeira, não sei se antes do Stigger teve outro. Não sei se o professor Elio Carravetta<sup>24</sup> trabalhou handebol lá na UFRGS<sup>25</sup>, porque o Elio Carravetta foi quem me introduziu na escola, eu fui professor do filho dele e ele gostava muito do meu trabalho, mas eu não sabia que ele era professor. E um dia surgiu uma vaga lá no São João, e ele se apresentou para mim e me indicou, isso em 1988, que foi em 1988 que eu entrei em escola privada, oito de oito de 1988. E o Elio Carravetta deu handebol na ESEFID, e antes do Elio teve?

J. K. – Teve!

F. S. – Teve o Stigger, o Elio, e antes eu não sei. Eu sei do Elio assim por saber, mas não que eu saiba quem é que dava handebol antes.

---

<sup>23</sup> Marco Paulo Stigger.

<sup>24</sup> Elio Salvador Praia Carravetta.

<sup>25</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

J. K. – Não chegou a conhecer os professores?

F. S. – Não, não.

J. K. – E qual seria a importância do handebol no currículo universitário?

F. S. – No currículo universitário, eu acho que o handebol é fundamental como todas as modalidades coletivas só que tem um porém, o handebol é o mais fácil de se trabalhar, o handebol até lá na década de 1980 se discutia isso lá no São João, na época que a gente organizava a forma de trabalhar com as equipes, porque o handebol é uma bola fácil de pegar, tu pode dar três passos, quicar uma vez e dar mais três passos, tu anda os nove metros com um quique só. O basquete já tem que sair quicando o tempo inteiro, o handebol tu pode arremessar em uma goleira de dois metros de altura, três de comprimento, o goleiro no início não é tão também, a bola vai entrar mais fácil, o basquete é difícil de fazer a bola cair lá, vôlei tu errou o saque não sai nada, errou a recepção não sai nada, se a tua recepção sair torta não sai nada, “bah” até sair um vôlei... Eu sei porque eu sempre trabalhei muito, até os anos 2000... Trabalho até hoje na Educação Física vôlei, mas como treinador até os anos 2000 com o voleibol, é complicado. Futebol, então, com as pernas, essa gurizada não tem vivência no futebol, não sai nada, eu estou dando futsal agora para as meninas, é uma loucura, uma loucura. Então o handebol é muito fácil, eles aprendem muito rápido a jogar handebol, claro que para passar do handebol de iniciação para o de alto nível tem todo um caminho como qualquer outra modalidade. Mas o handebol é muito fácil, até acho que ele deveria ser mais fomentado, como prática dentro da universidade.

J. K. – Na época que tu foste professor da disciplina de handebol, como era o perfil dos alunos?

F. S. – Sim... Só voltando um pouquinho na questão anterior, também tem uma questão assim, que o pessoal se sente bem, feliz, porque consegue fazer. O pessoal se sente feliz, e até na disciplina eu comentava assim, como é importante que tu tenha um bom iniciador, um bom profissional que te inicie naquela modalidade, porque se ele te ensinar, te

introduzir bem, tu nunca mais... Tu vai ter só coisas boas daquela modalidade, daquele seguir, passar adiante, agora um mal profissional que te deu exercícios talvez não tão adequados, ou não teve um bom manejo, já vai ter uma... Alguém que já deixa lá, já dar uma bolada no rosto, ou colocou mais forte um time que está começando, aí você já desiste acha que aquilo é ruim, seja em qualquer modalidade. Então, voltando à pergunta anterior seria isso aí. Na outra escola eu tenho um menininho de cinco anos jogando, o grupinho é para ser de oito e nove, mas eu tenho uma de cinco, um de seis e um de sete, por quê? São irmãos dos outros, que estavam ali olhando, e eu faço sempre regrinhas adaptadas, por exemplo, para a bola passar da meia quadra ela tem que passar por eles, só que na hora que eles vão receber a bola, ninguém pode marcá-los também e não podem marcar quem eles vão receber a bola. Então eles vão receber, passar, e seguir o baile, eles ficam felizes.

J. K. – Retomando a pergunta, como era o perfil, as características dos alunos que buscavam fazer a disciplina de handebol?

F. S. – O perfil... “Bah” tinha de tudo, desde aquele que estava lá para conhecer a disciplina, aquele que teve uma determinada vivência, aquele que precisa fazer créditos, aquele que... Até vi bastante esse perfil, aquele que estava lá por que era uma modalidade prática, então: “Eu vou lá porque é fácil!” E inclusive teve uma debandada de alguns acadêmicos por ver que ela era prática *sim*, mas tinha cobrança, por exemplo, de participação, eu fazia a chamada no começo e no fim. Por quê? Porque se tu quisesse chegar atrasado, chegasse, mas tu não ganhava a primeira presença, ia ganhar só a do final, se tu quisesse sair mais cedo também, mas no final eu faria de novo, então tu teria só a do primeiro período. Só que tinha aquele ainda que chegava atrasado e saía mais cedo, aí não tinha presença nenhuma. E o pessoal: “O professor está cobrando presença”, ou, por exemplo, questão até... Nas provas, provas *bem simples*, como eu tive vivências boas no tempo que eu fiz a faculdade e na própria escola, porque eu trabalha na escola há bastante tempo, então peguei várias formas de fazer a avaliação, e no colégio é assim, a gente tem... Aqui, por exemplo, eu faço oito avaliações, bem diferente uma da outra, até porque às vezes tu é bom em uma coisa, não é bom na outra, e aquilo contempla tudo. Por isso, eu digo, às vezes o aluno para ser nota dez ele tem que ir bem em tudo, mas também para tu ir mal, só se tu vai mal em tudo. Então tinha desde avaliação, por exemplo, de apresentar

trabalho, a outra sobre as regras, tu dava as regras e eu dava vinte questões e tu escolhia dez para responder, *tu escolhia*, tudo bem simples, outras de tu criar dissertativa, tinha de tudo. Entregar o trabalho do seminário, fazer observações, e mesmo assim tinha gente que achava que era ruim: “O professor, está mandando a gente estudar”, e coisa bem... O que é um dribble? Quando é que é gol? Umas coisas bem simples, coisas bem básicas, a prova... Questão de... Quando eu trabalhei regras, por exemplo, eu dividi o pessoal em grupos e eles apresentavam as regras e a gente discutia. Cada dia um grupo apresentava e depois a gente seguia a aula, então, em torno de dez minutinho iniciais apresentava uma regra e aquilo ia sendo trabalhado em aula, depois no jogo aquela coisa toda, e tu via que tinha grupos que tu via que nem liam a regra. Regrinha bem simples, o que é a bola, o tamanho da bola, e na prova era exatamente isso aí, não tinha tamanho de linha, quanto pesava a bola, nem situações complicadas e mesmo assim tu via que o pessoal nem lia nada. O pessoal... Eu me decepcionei com isso, que o pessoal estava ali só por estar mesmo. E eu nunca me esqueço de um dos melhores alunos que eu tive, eu elogiei ele e depois ele veio em particular me dizer: “Professor, eu estou aqui só pelo canudo, porque eu me decepcionei com a Educação Física, não quero seguir”. O pessoal não queria nada com nada, isso me dá uma dor no coração, de ver que esse pessoal vai trabalhar na área depois e... Imagina o handebol tu... Não é o handebol, é a postura do pessoal que está lá, a postura, “bah” muito fraco isso aí, não sei onde começou isso, dá onde veio, se é da escola... Se começou não cobrar mais postura de ninguém, deixar a fazer o que quer, nada pode dizer, tudo é politicamente errado aquela coisa toda, não sei, não sei, acho que a coisa se perdeu. Eu lembro que quando eu me formei era muito mal visto usar apito, e eu ficava pensando: “Não vou usar apito?” Eu tenho que apitar “pipipi”, “pessoal...”, tem a ver com a ditadura, fazer fila, não! Não se fazia mais fila, tem a ver com a ditadura, vai fazer uma fila para organizar, vai apitar para chamar a atenção, não é apitar porque ninguém pode falar, por que ninguém pode olhar para o lado, depende da forma que tu trabalha com a coisa, mas aí eu acho que aí se perdeu, a mudança da ditadura para a democracia, e não sei o que, se perdeu, hoje ninguém faz nada, ninguém segue nada, ninguém respeita a regra, ninguém... E a regra veio para ajudar, é que toda regra... Isso eu aprendi, se a regra tem significação ela funciona, se ela não tem significação não funciona, tu explicar que a regra é assim por causa disso, disso, opa! Agora se tu largar uma regra para os alunos que não significa nada, a não, aí eles vão contrapor mesmo “porque eu não posso ficar [palavra inaudível], tinha

uma acadêmica que não queria nunca colocar o coletezinho e eu dizia: “Mas como a gente vai fazer o coletivo?” “Mas eu não uso!” “Quando tiver que ir dar aula e tiver que separar as equipes, como que tu vai fazer?” “Eles vão ter que usar, mas eu não uso”. Nunca me esqueço que ela disse isso [riso], “eu não uso”. E aí tu não pode forçar, então não usa, mas aí ficava ela... Quando ela caiu no time de colete... Pessoal até usava o bom senso, então ela sempre ficava no time sem colete, só que as vezes o pessoal não queria, e aí vamos respeitar o grupo também: “não quero saber, ela vai ficar no outro grupo” E aí ela era a única sem colete no time com colete, e olha, ia ser professora e já trabalhava na área, não com o handebol, mas com... E como é que fica? Cobra dos alunos, explica porque, mas “eu não faço”, poxa é muito complicado, muito complicado. E a questão do perfil também, eu via assim, como eu trabalho com o Ensino Médio parecia um prolongamento do Ensino Médio, uma coisa assim, pessoal que não quer nada, aquela coisa muito... Outra coisa que eu via assim, um pessoal muito imaturo, muito imaturo, eu não sei também se quando eu era assim... Na minha época eu era imaturo assim, não sei. Não sei se a gente não se dá conta, muda e não se dá conta, mas muito imaturos. Uma vez eu comentei sobre isso, “vocês sabem quando...” por que estava uma bagunça um dia lá, e daí eu comentei, aí eu comecei a conversar umas coisas, aí uma menina disse: “O professor está nos desmotivando”, porque quando eu comecei a comentar em relação a salário, que tu iria levar muito tempo, que tu teria que galgar, primeiro teria que aprender, talvez entrasse em um local que te remunerasse menos, até tu chegar lá, e então a postura ia ajudar muito, então se mantivessem aquele tipo de postura dificilmente eles iriam evoluir, eles tinham que se dar conta que deveriam mudar aquele tipo de postura, e que o processo é lento, e eles com aquela postura aí ficar fazendo cinco anos de Educação Física para se formar, passar em um concurso e ficar ganhando mil reais... Aí um: “Está desmotivando!” “Desmotivando *não*, não estou desmotivando, vocês tem que começar a se dar conta que tem que mudar a postura, que se ficar assim só vai poder entrar em um concursinho para ganhar mil reais, não vai conseguir melhorar nisso aí, porque tu vai ficar sempre naquilo [riso], descasquei, então, eu achava eles muito imaturos.

J. K. – Atualmente a disciplina de handebol na ESEFID, ela é eletiva, naquela época também era?

F. S. – Sim, também, quando eu dei era eletiva. Assim, o pessoal escolhia, até inclusive escolhia assim, ou basquete ou o handebol, até podia fazer as duas, uma em um semestre, depois fazia a outra, era por opção, mas ela era eletiva, tu tinha que fazer um dos dois, parece que era assim.

J. K. – Era alternativa.

F. S. – Isso, é.

J. K. – E a maioria dos alunos era mais do final ou do início do curso?

F. S. – Tinha de tudo, tinha do início, tinha do meio e tinha do final.

P. J. – Tudo misturado.

F. S. – É, tudo misturado. Até algumas coisas que eu comentava, tinha gente que ficava prestando atenção, dava para ver que era um pessoal bem novato aí, e tinha outros que tinham experiência, estavam se formando, faltava mais uma cadeira, tinha que fechar os créditos aquela coisa.

J. K. – E como era o envolvimento deles com a prática do handebol?

F. S. – A prática era o que eles mais gostavam. Como gostavam, tanto é que é essa coisa, o pessoal ia porque é uma cadeira prática, legal, vou lá fazer. E todos terminavam aprendendo, eu até lançava esse desafio, se vocês seguirem a progressão pedagógica e todo mundo saia jogando, e outra coisa que eu fiz, eu tenho até hoje guardado, todas às vezes quando ia para a parte prática 60% das aulas, eu filmava um pouquinho um pouquinho sobre aquele educativo, por exemplo, hoje era mais sobre a preensão de bola, filmava, tenho tudo filmado, e me prontificava passar para o pessoal, olha se nos três semestres, dez pessoas vieram pegar o material com um “pen drive” foram muitos. Depois vieram até alguns, que foram trabalhar na área e me procuraram pedindo material, aí eu passei mais outros materiais. Mas imagina, eu tenho todo o semestre filmado, aí tu não precisa anotar

nada, faz a parte prática, porque vai ser filmado e tu só pega, passezinho aqui, está filmado, passezinho quicado, está filmado, os dois a dois, três a três, deslocamento, parado, em círculo, em coluna, com a bola, porque eu fazia aula sempre do tipo assim: “Se tu está na escola pública e só tem uma bola, como a gente pode fazer?” Até isso, todas as aulas tinha um... Depois a gente terminava... “Como a gente vai fazer?” Daí filmava uns pedacinhos assim, dez segundos, quinze segundos, que às vezes o educativo é tão barbada que basta dez segundinhos que tu... Outros mais complexos aí tu filmava um pouquinho mais. Tem todo esse material separadinho por pastas, e nem isso o pessoal pegava, nem isso, ali tu vai para um curso tu anota, tu filma, tu... Eles não precisavam fazer. A minha esposa me dizia: “Tu é muito paternalista, dá tudo na mão.” E o polígrafo a mesma coisa, eu fiz um polígrafo e entregava, passava os “slides”, e os “slides” eu passava e entregava o polígrafo e não precisava copiar, copiava só o que queria colocar a mais, e eu mandava por “e-mail”, eu mesmo enviava por “e-mail”, porque eu acreditava que eles descobrissem o handebol, eu queria que eles gostassem do negócio, então pega o polígrafo, pega o material, não precisa estar copiando, ficar correndo atrás, e mesmo assim... Agora não permitia ninguém com material ligado na aula, primeira coisa que eu vi é que o pessoal chegava e ligava o “notebook”, e ficava vendo outras coisas, não, não, isso eu cortei. Se eu estava errado, radical, não sei, mas na minha aula eu não deixava. Ou ficava focado naquilo ou então, pede licença sai, eu não vou te dar presença também, assume, mas... Alguns foram contra, pessoal mais radical, mais democrático “o professor esta sendo...” ou tu assume, ou tu não assume, ou tu quer fazer aula ou tu não quer, não pode ficar... Eu faço que dou aula, e tu faz que aprende e fica por isso, não dá, não dá.

J. K. – Em relação à modalidade do handebol ter sido incluída no currículo universitário, tu acha que teria aumentado à prática dessa modalidade nas escolas?

F. S. – Não, não, eu vejo até que as escolas cada vez mais estão trabalhando menos isso aí, até porque os profissionais da época que trabalhando dessa forma, estão se aposentando, estão finalizando o seu ciclo, e os novos que estão vindo... Se for fazer um levantamento nas universidades todas que tem Educação Física, o curso de Educação Física é só voltado para o futebol, o pessoal se ilude, não digo que é o caso, mas a maioria se ilude que vão trabalhar em um grande clube e vão ficar milionários, e não é questão de gostar ou não, é

essa ilusão, que eles vão pelo dinheiro, ou então para as áreas das academias, trabalhar como personal, então, hoje essa área das licenciaturas, trabalhar com as grandes modalidades, com esportes coletivos, eu vejo que pode ser... O pêndulo vai lá para um lado, e um dia ele volte, mas eu vejo que hoje por mais que a gente trabalhe handebol, futebol, o pessoal... Eu acho que a maioria nem quer licenciatura, é mais bacharelado, eu acho que tem que mudar isso aí, tem que ser plena, fazer os dois, porque tu nunca sabe o que vai acontecer... Se eu sou bacharel na época e não tinha isso, de licenciatura plena, aí tu perde a oportunidade, ou vice-versa, ou até licenciatura e tu está dando aula só em uma escola com a carga horária pequena, e surge um clubezinho para tu dar uma aulinha de futebol, aí tu não pode ir porque tu não tem... Tem que fazer os dois! Daqui a pouco tu faz mestrado e doutorado, vai dar aula na universidade e tu não tem aquela vivência, tem que fazer tudo, quanto mais a gente dominar o nosso conhecimento melhor, nossa área de atuação. Eu acho que é maturidade também, quando mais imaturo mais tu acha que vai poder te focar só naquilo, mas aí limita muito também, por isso que eu fiquei no handebol, larguei o vôlei depois, e o basquete a mesma coisa, se tu não tivesse uma geração de grandões gigantes, tu até poderia te esforçar, mas eles iam chegar ali, nunca eles iam ser campeões, e no handebol eu comecei a ver, com gordinho, com baixinho, com magrinho, com alto, com “mongolão”, todo mundo fazia jogar e todo mundo conseguiu um espaço no time, aquele mais descoordenado, o “mongolão” o termo não está errado, mas vamos dizer assim, aí todo mundo entende. Coloca ele pivô, lá atrapalhando a defesa, alguma coisa, o baixinho fica na ponta, entrando rápido, e o vôlei, por exemplo, e o basquete se não tiver... Já tem limitador que é a rede, tem limitador que é a altura da cesta, é difícil “né”. E eu vi que no handebol tu conseguia fazer chover no molhado, por isso que eu fiquei, e estou até hoje e não sinto falta disso, acho bem legal. O futebol é a mesma coisa, tu consegue fazer o pessoal jogar, não tem essa coisa de tem que ser tudo grandão, tem que ser tudo não sei o que, tem que ter aquele perfil. Não, quantos gordinhos estão jogando e jogam super bem. Claro, talvez para ser atleta de alto nível, atleta olímpico, aí tenha que entrar em um perfil “x”, mas para a pessoa ser feliz e ter aquela prática desportiva, aquela cultura do esporte no seu corpo, na vida inteira, esse é o desencadeador disso aí, isso não importa, que é a grande maioria, a pirâmide que é a base é a grande maioria, o importante é ter aquela vivência legal e tal. Passar entre os primos, amigos, aquela coisa toda.

J. K. – Agora nos últimos anos o Brasil ganhou destaque em competições mundiais com a principalmente com a equipe feminina. Com isso, tu acredita que esse destaque do Brasil na modalidade aumentou a visibilidade da prática em relação às escolas?

F. S – Sim, aumentou, mas até um certo ponto. Sabe eu sou da geração do vôlei lá da medalha de prata na Olimpíada, do Renan<sup>26</sup>, do Montanaro<sup>27</sup>, William<sup>28</sup>, aquilo ali na época foi um “boom”. Eu não vejo isso no handebol, apareceu na mídia aquela coisa, mas tem um problema muito grave hoje, que é o seguinte, não existem mais os espaços externos, lúdicos, ao existe, ou é na escola, ou é no clube, ou tu paga, ou não tem. A questão da insegurança é muito forte, então, por mais que às vezes tu tenha próximo de ti, seja a modalidade que for, estou falando de forma bem genérica, como é que tu vai até lá? A pé? Às vezes não dá. De bicicleta? Só no interior e em determinadas cidades, tu vai pegar um ônibus vai ser assaltado, e os pais não vão liberar. Eu não libero a minha filha de quatorze anos para pegar um ônibus sozinha. A gente leva, trás, se não ela não vai. Eu que moro em São Leopoldo, é extremamente perigoso, as linhas tem um fluxo menor, não dá! Aí se tu for pagar um táxi, ou pagar não sei o que fica caro, então tem esse ponto, da segurança, do deslocamento, do tempo. E o pai e a mãe trabalham, tem dinheiro, mas não tem quem leve, é muito complicado, hoje complicou demais, antigamente iam a pé, quando a Sogipa fechou, e a gente ia lá para o bairro Menino Deus eu pegava dois ônibus, pegava um ônibus de manhã até o Centro, pegava outro até o Menino Deus, depois pegava para voltar, pegava dois ônibus para ir treinar e estudava de tarde, tranquilo! Hoje se tu for pegar dois ônibus para ir treinar: “*tá*” louco, não vai! A gurizada não aguenta, não vai! Não vai, é muito complicado trabalhar as questões de esporte, seja onde for, é muito complicado, então por mais que tenha a visibilidade maior, que está aparecendo, mas “eu quero fazer isso”, quantos me ligam para cá, para o Colégio porque a Federação sempre me indica “lá no Colégio...”, mas e aí? Aqui não tem como treinar! A não ser que venha para a escola, e me indicam, então “*tá*”, e eu vou indicar aonde? Não tem! Vou indicar aonde? Sogipa, União, não tem, não existe handebol nesses clubes aqui em Porto Alegre, então não tem, não tem nem onde indicar para fazer, ou a tua escola tem um trabalhinho, ou tu não tem onde jogar, não tem onde treinar. E aí tu vê a visibilidade lá, mas está morta a

---

<sup>26</sup> Renan Dal Zotto.

<sup>27</sup> José Montanaro.

<sup>28</sup> William Silva.

cobra, não tem onde fazer. Então aumentou a visibilidade *sim*, mas não que tenha mais gente trabalhando, não, pelo contrário, até a ESEFID proporcionou no início do ano seminário, em parceria com a Prefeitura de Porto Alegre dos Jogos Abertos de Porto Alegre, e eu participei deste seminário até por sinal, de forma voluntária por que nenhuma das escolas autorizou, e aí vai. Só que eu participei desde os primeiros Jogos Abertos então eu fui por mim mesmo, saí de Novo Hamburgo de manhã cedo e fui. Estava bem legal, e se trabalhou essas questões, de como fazer competições alternativas, seguir aquela linha do Balbinotti<sup>29</sup>, fugindo do padrão adulto e *sim* seguindo linhas mais alternativas, por exemplo, sábado agora dia vinte cinco, a gente vai fazer um trabalho aqui, três equipes mais fracas, a gente se reuniu para jogar meninos jogar meninas, nós mesmos vamos arbitrar, se o jogo abrir cinco gols a gente vai trocar as equipes, para nunca abrir muito. A gente já faz desde o ano passado, um torneio só com menininhos e menininhas até onze anos, mistura todo mundo meninos e meninas, vai ter agora a primeira etapa agora na PUC<sup>30</sup>, vai ter a segunda etapa agora em julho no Farroupilha, onde a gente mistura todas as escolas naquele estilo Jamboree, todo mundo adora, exatamente para perder o medo de jogar, aquela coisa toda, e a partir dos doze já começa a jogar, já joga: “Tu é minha parceira, já jogou comigo” aí já quebra toda a rivalidade e não tem nem placar eletrônico, o placar é só para marcar o início e o término do jogo, não mais em gols, então a gente faz esses joguinhos assim e tal. Mas, assim, se questionou... Voltando ali, se questionou nesse seminário, o quê? Que na década... Que nos anos 2000 tinham oitenta e poucas equipes jogando handebol em Porto Alegre nos campeonatinhos aí, desde equipes... Hoje tem dez, doze, oito, três, dependendo do naipe aí, Mirim masculino três, infantil feminino doze, diminuiu, diminui, mas por quê? Ou aquele pessoal não está mais nas escolas, ou foi demitido, ou se aposentou, ou a escola fechou, ou as escolas não estão mais autorizando jogar esta competição, com exemplo o Colégio Anchieta, Jogos Abertos de Porto Alegre não participam, por quê? Porque já tem mais uma ou duas competições que participa e é por questões de custo, de verba para o esporte: “Bom, vamos eleger, vai ser essa e essa, essa não participa”, “mas é melhor ou pior?” Não, não, é por questão financeira também, que apertou bastante, mesmo que a seleção olímpica esteja lá em cima. Mas, com a ida para os Jogos da Juventude eu notei que outros estados não, é bem forte, é bem desenvolvido, tem equipes bem estruturadas, o nordeste está *muito* legal o handebol, o

---

<sup>29</sup> Carlos Adelar Abaide Balbinotti.

peçoal com as escolas públicas, com escolas de periferia, eu vi um time de negrinhos e negrinhas lá do Piauí e cheguei a me arrepiar, *que legal!* O peçoal jogando de altíssimo nível, e com uma simplicidade o peçoal assim bem [palavra inaudível] eu fico emocionado com isso, peçoal bem simples assim, e dando o sangue, e eu penso: Quanta gente boa à gente poderia tirar...”, então, tem lugares que fazem e aqui é uma merda, o peçoal só pensa nisso aqui... Então o peçoal de Roraima, peçoal do Acre, tudo índio jogando, muito legal, muito legal, então tem alguns trabalhos ainda que são bons.

J. K. – Teria alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de compartilhar?

F. S. – Agora não... Acho que eu gostaria de compartilhar esse final, como as pessoas não são idealistas nas coisas, o peçoal só em ganhar dinheiro, não pensa... O que tem de criança, criança legal por aí, com potencial aí de tudo, não só no esporte, tem muito para se fazer nesse Brasil, tem muito para se fazer. Muito legal a interassam, eu fui com o peçoal do colégio, porque é todo mundo classe “A”, aí é tudo loirinho, aí as gurias pegando no cabelo: “Que legal esse cabelo!” O peçoal não tem esse contato, nós lá morrendo de calor em setembro, claro a gente veio aqui do sul, a gente jogou contra a Bahia, calor o tempo inteiro, jogou contra Rondônia, calor o tempo inteiro, Mato Grosso, calor o tempo inteiro, aí jogamos contra Piauí, calor o tempo inteiro, e isso que estava trinta e poucos graus eles jogavam que era uma beleza e nós morrendo de calor. Mas imagina que legal essa interação do peçoal, *muito legal!* Por que... Aí que é legal também na filosofia do Colégio “X” “o esporte ele nivela pelo esforço e não pelo ter”, e isso eles queriam quebrar lá, quando tu vai competir não importa se tu tem, importa o quanto tu te doa e o quanto tu se empenha. Então isso que é legal, é um projeto de escola, com uma ferramenta formadora da educação deles, eu sou dono das Tintas Renner, não importa “meu velho” se tu não te esforçar no treino, tu vai perder para aquele lá que não tem nada. E eles abrem mão disso tudo para treinar, para ir, isso é muito bom! E é por isso que eu gosto muito do projeto, claro que tem suas exceções, uns papais xaropes sempre tem, mas esses saem fora depois, os que ficam são os que acreditam mesmo. Hoje tem uma turma grande do colégio “X” que já está fazendo UFRGS e já estão entrando nos grupos do handebol lá, e isso é legal também, mas eles vêm com essa filosofia, de mais... Como se

---

<sup>30</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

diz, de bastante humildade, isso foi uma coisa que eu consegui desconstruir lá, porque logo que eu entrei eles eram muito arrogantes, brigões, passavam por cima dos outros... Cortei isso aí, tu vai ver lá o cara mais rico do mundo, do Brasil, tu olha e não dá nada para ele, e ele é tão legal quanto qualquer outro que vem, isso é muito legal. Consegui desconstruir e construí uma filosofia diferente. Espero que eu tenho contribuído e tenham gostado.

J. K. – Claro, eu que agradeço por ceder essa entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]